



Departamento de Jornalismo

Faculdade de Comunicação

Universidade de Brasília

SISU: SONHOS EM MOVIMENTO

MATEUS SOUZA MAIA - 15004/2744

Orientador: Prof. Doutor Sérgio de Sá

BRASÍLIA – DF

1º/2019

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não conclui apenas uma graduação. Ele é o encerramento de uma fase. Da parte da vida que mais me ensinou até aqui, em que mais cresci e à qual serei eternamente grato. Primeiro preciso agradecer a Deus. Sem o olhar piedoso não conseguiria enfrentar os desafios e dificuldades que aparecem com calma e um sorriso no rosto. As próximas pessoas a quem devo agradecer imensamente são meus pais, que nunca mediram esforços para que eu realizasse meu sonho de estudar fora e o fizesse da forma mais confortável possível.

Meus agradecimentos são inteiramente às pessoas que estiveram comigo durante não só a realização desse projeto, mas em todos os quatro anos e meio em que frequentei os corredores da Faculdade de Comunicação. Há uma exceção, contudo, por isso agradeço à UnB como um todo, pela oportunidade de aprender uma profissão, mas principalmente por me formar como pessoa honesta, ética e preocupada com todos ao meu redor, independentemente de quem sejam. O clichê repetido à exaustão no início do curso, de que essa era a formação com que a instituição mais se preocupava, no fim, estava certo.

Agradeço imensamente a Marcelo Cardoso, Lúgia Vieira e Victor Gomes. Quando se mora longe dos parentes, seus amigos se tornam a família que escolhemos. Obrigado a vocês por estarem comigo apesar de tudo nos momentos mais importantes da graduação e por me fazerem crescer e crescerem junto comigo. Isso vale mais do que qualquer diploma.

Pedro, Ana, Bruna, Theo, Victória, Moreth, Vivien, Pupila e tantos outros. Agradeço por vocês todos terem sido generosos comigo na medida em que sorriram comigo, me deram conselhos e me pediram outros durante esse tempo todo. A vida é construída pelas pessoas e, nesse quesito, eu fui o mais sortudo de todos. Obrigado.

RESUMO

Este é o memorial de pesquisa da produção de *Sisu: sonhos em movimento* (<https://matmaia6.wixsite.com/sonhosemmovimento>), um especial idealizado para ser uma plataforma multimídia online informativa. O trabalho de reportagem jornalística mostra o nascimento da vontade do jovem brasileiro de sair de casa para estudar, possibilidade ofertada há pouco menos de dez anos com a criação do Sistema de Seleção Unificada (Sisu). Foram dezenas de entrevistados, quatro reportagens em texto apoiadas com infográficos, mapas, fotos e outros. Junto a isso, uma videoreportagem e um podcast opinativo, além de dois guias e três listas, todas em formato de grandes infográficos. A intenção foi jogar luz e gerar um debate sobre quais as barreiras, as jornadas e os problemas enfrentados por esses desbravadores. E, quem sabe, fazer parte do início de uma cultura de migração acadêmica no Brasil.

Palavras-chave: Sisu; educação; migrações; reportagem multimídia; especial multimídia; plataforma online; site.

SUMÁRIO

introdução	5
1. problema de pesquisa	8
2. justificativa	11
3. objetivos	15
4. referencial teórico	15
4.1. Referencial básico	
4.2. Especial multimídia	
5. Metodologia	23
6.1. Sonhos	
6.2. Guia	
6.3. Atmosfera	
6. Conclusões	31
Referências bibliográficas	34
Anexos	36

Introdução

No ano de 2010 é implantado, ainda de forma inicial, um modelo de seleção para as instituições de ensino superior da rede pública do Brasil que mudaria completamente a dinâmica do que se conhecia como vestibular. Foi a criação do Sistema de Seleção Unificada (Sisu) que permitiu que o que era visto apenas em filmes norte-americanos, com os jovens se preparando para sair da casa dos pais para estudar, virasse uma realidade mais próxima para vários estudantes brasileiros.

Uma mudança radical. Se antes era preciso fazer uma prova para cada tentativa de passar em um curso superior, agora com um único teste do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) o estudante tem a possibilidade de ser aprovado em universidades, institutos federais e afins por todo o Brasil.

A redução de custos da logística de quem pretendia estudar fora já amplia de forma expressiva a quantidade de pessoas país afora que sonham em sair de casa para completar a educação. É aqui que este trabalho começa a tomar sua forma, porque o ponto central do interesse do especial multimídia “Sisu: sonhos em movimento” é justamente a camada mais humana envolvida no processo.

Afinal, como esses sonhos são gestados por crianças e adolescentes nos locais mais remotos deste continente inteiro que é coberto por apenas uma bandeira? Foi a partir desta inquietação – como, após quase uma década, era a realidade de quem decide migrar usando esse método – que surgiu a intenção de dedicar uma plataforma multimidiática diretamente a estes relatos, dados e personagens.

Daí foi preciso que se voltasse o olhar para as pessoas, quais as boas histórias poderiam explicar da melhor forma possível a real situação do impacto causado pela política pública criada para, entre outras coisas, ampliar a oferta de vagas para os estudantes e assim conseguir atender melhor a demanda.

O que descobrimos é que, culturalmente falando, pouca coisa mudou. O grande sonho dos brasileiros, em sua maioria, ainda está relacionado única e exclusivamente com o curso. Medicina ainda é a carreira de nível superior que mais “move montanhas” para que possa ser cursada. Por isso mesmo, vários de nossos personagens escolhidos são futuros médicos.

Para contar essas histórias, foi escolhido o formato de especial multimídia, no qual seria possível pintar os cenários e dar a profundidade necessária aos sentimentos e reações que esses jovens têm ao enfrentar os mais diversos desafios que se impõem, como falta de dinheiro, lidar com uma cultura nova, pessoas novas, distância da família e adaptação à nova casa.

Em 2019, contudo, época em que vivemos cercados de estímulos de diferentes formas, que interagem e convergem entre si, uma grande reportagem apenas textual soa como uma oportunidade perdida. Como vemos em Longhi (2010), o chamado “especial multimídia” é o sucessor natural das grandes reportagens impressas. A autora define este novo gênero midiático, que lida com a convergência de vários outros:

Grande reportagem constituída por formatos de linguagem multimídia convergentes, integrando gêneros como a entrevista, o documentário, a infografia, a opinião, a crítica, a pesquisa, dentre outros, num único pacote de informação, interativo e multilinear. (LONGHI, 2010, p. 153)

Desta forma, a ideia de criar uma plataforma que suportasse diferentes formas de comunicar fez-se necessária. O site *Sisu: sonhos em movimento* foi criado. Nele, o contorno dos textos, talhados aos passos dos seguidores do jornalismo literário, ganha vida com conteúdo adicional ao que já está escrito, como áudios, vídeos, boxes informativos, infográficos interativos e imagens.

Para além de informar pelo simples prazer em fazê-lo, o trabalho se empenhou em emocionar os leitores com histórias de quem teve a coragem de sair de casa para estudar visando difundir ainda mais essa prática, que tem o potencial de mudar vidas e gerar riqueza para o país quando permite a união entre as melhores mentes e a melhor infraestrutura.

O “especial multimídia” dividiu-se de forma a que fosse contemplada cada etapa do processo interno e externo que nossas personagens precisam passar para alcançar, efetivamente, o objetivo de mudar de cidade apenas com a motivação de estudar. Sendo assim, foi criado um plano de cobertura que abrangeria todas as “fases de realização do sonho”.

Pensou-se em um conjunto de reportagens, que, junto com vídeo de apresentação, infográficos, fotografias, entrevistas em vídeo e conteúdo em

áudio, contaram de forma informativa e pessoal a jornada de personagens diferentes, mas que quando olhados sob uma perspectiva mais macro fariam parte da mesma narrativa. Mesmo que em fases diferentes da vida e pontos distintos de completar seus sonhos, seus dramas, dificuldades e reações podem ser relacionadas e ajudam a explicar melhor o tema do especial.

A primeira reportagem, intitulada “Onde a vontade não morre”, visa mostrar as principais motivações dos jovens brasileiros que pensam em migrar para o curso superior. Dar espaço para o nascimento dos sonhos tem como outro objetivo principal o de escancarar como a diferença nas origens, formações e condições socioeconômicas dos estudantes influenciam no tamanho, na quantidade e na diversidade das barreiras para a migração efetivamente acontecer.

Já “Dois sonhos, duas medidas”, segunda reportagem do conteúdo proposto, dá um passo a mais na direção da trajetória de quem consegue sair da casa da família para estudar. Ela apresenta como as diferenças entre os tratamentos dados pela sociedade para cursos, status social, regiões do Brasil e até mesmo o gênero influenciam na decisão de os responsáveis permitirem/apoiarem a ida de seus filhos nesta aventura.

Como a maior parte dos estudantes que chega à condição de ter a oportunidade de migrar não se sustenta sozinha, tal reação dos pais é, na maioria dos casos, definitiva para que o sonho se realize de fato ou não. É salientado ainda mais um aspecto, o de que mesmo que se passe das barreiras iniciais e inerentes ao ato de se preparar para o Enem e, conseqüentemente, obtenha-se a pontuação necessária para conseguir a aprovação, ainda não está garantida a ida dos alunos, porque uma nova gama de obstáculos surgem e alguns conseguem passar, outros não.

A última reportagem do especial “Caminho sem volta” (do conjunto principal), por sua vez, trata como os jovens que conseguem migrar se estabelecem em suas novas casas, sejam elas de parentes, repúblicas estudantis ou cedidas pelo poder público. Nesse estágio, os sonhos, que acompanhamos desde o nascimento, são confrontados com a dura realidade de ter que amadurecer e entrar na vida adulta de uma forma mais abrupta que a maioria dos brasileiros na mesma faixa etária o faz.

A intenção narrativa é justamente que o leitor ou leitora consiga acompanhar as histórias individuais de cada personagem apresentada nas matérias, mas que também possa, ao fim da leitura, conseguir ter um panorama geral do ato de ir estudar em outra cidade, estado ou região – criando, desta forma, senso crítico para as diferenças sociais presentes na sociedade brasileira e como estas afetam diretamente o sonho de pessoas que são, em essência, iguais.

São diferentes jovens, que compartilham um objetivo, um sonho, e cada um tem de trilhar sua própria jornada para alcançá-lo. Enquanto os leitores entram em seus mundos por meio do jornalismo, são convidados a refletir sobre cenários mais amplos do país e da sociedade.

Além disso, para quando se terminar as histórias principais, há uma série de conteúdos adicionais de cunho mais didático e instrutivo. Para que quem esteja lendo e deseje seguir por esse caminho possa se inteirar e já ir sentindo a atmosfera e os desafios que vão enfrentar.

1. Problema de pesquisa

A questão que o trabalho se propõe a esclarecer é: quais as motivações, os desafios, os problemas enfrentados e as histórias de quem migra para estudar por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu)?

Os questionamentos começaram a aparecer por razões pessoais. Porque sempre houve um interesse do autor do projeto em estudar fora de sua cidade natal, pelas oportunidades profissionais e as experiências de vida que isso poderia proporcionar. À época, poucos amigos sabiam da possibilidade e os que estavam cientes tinham uma percepção amedrontada da situação.

Após escolher por esse caminho, enfrentar as dificuldades específicas da jornada e reconhecer a importância da decisão de migrar para a formação como pessoa e profissional, nasce a inquietação por descobrir e contar as histórias de quem decidiu seguir ou segue pelo mesmo caminho.

Afinal, a situação encontrada enquanto eu mesmo cursava o ensino médio, há quatro anos, se mantinha a mesma ou já havia se instalado no Brasil

uma cultura de jovens deixarem suas famílias para se preparar academicamente?

Em um primeiro momento seria necessário olhar com mais atenção os números estatísticos, de posse do Ministério da Educação, para poder analisar da forma mais precisa possível o cenário da mobilidade estadual estudantil no Brasil, do início do Sisu até o atual momento. O que mudou? É possível identificar algum movimento em massa de migrações?

Ao se aproximar dos dados de cada estado, observaríamos as especificidades de cada região brasileira, das quais muitas já se têm como senso comum. As condições econômicas e de infraestrutura dos lugares influenciaram diretamente, e em que medida, nos fluxos migratórios relacionados ao ensino superior? Quais seriam os principais destinos e os entes federativos que mais “enviam” pessoas? Será que haveria uma tendência de se criar uma concentração intelectual em certas áreas, deixando outras desamparadas?

E, então, quais seriam as causas disso? Uma apuração mais criteriosa revelaria as condições de cada unidade federativa, tanto no campo financeiro, quanto na qualidade das instituições. Dependendo do que fosse encontrado, conseqüentemente deveríamos olhar para o outro lado, se não os números, o que motiva os estudantes?

As notas das provas estariam em sintonia com o nível apresentado pelo estado nas avaliações de ensino de base? Ou o desempenho, poder econômico e facilidade de acesso não seriam tão relevantes comparados à falta de uma cultura estabelecida no país para esse tipo de empreitada.

Afinal, sem esse quesito específico seria muito difícil de se imaginar que qualquer tipo de incentivo não tão claro fosse suficiente para romper a barreira da zona de conforto cultural existente. Caso isso se revelasse como verdade, era preciso descobrir o que funcionaria como um empurrão motivador para romper esse cenário.

Independentemente da resposta, o próximo passo seria questionar quais as condições enfrentadas pelos estudantes que tentam percorrer essa jornada. Como as fortíssimas desigualdades presentes no Brasil se revelam no momento em que alguém sai do ensino médio e decide mudar de ares no curso superior?

Era de se esperar, necessitando ainda de comprovação, que as diferentes histórias de vida e *backgrounds* socioeconômicos dos alunos seriam determinantes para a quantidade e o tamanho dos desafios a serem enfrentados para se estudar longe de casa. As instituições de ensino superior estariam preparadas para receber estudantes de origens distintas e conseguir, no âmbito de moradia pelo menos, e corrigir as distorções?

E a questão psicológica dos estudantes? A mudança de modelo de seleção, ampliando as possibilidades de escolha, teve algum impacto na forma como os jovens se relacionam com as provas e com as mudanças ocasionadas dessa fase da vida?

Todos esses questionamentos foram recorrentes para mim durante a graduação. À medida que apareciam as barreiras e dificuldades, mais vinha a certeza de que esse cenário não seria o padrão das pessoas que optam por esse caminho.

A falta de um olhar mais de perto de todo o cenário migratório brasileiro proporcionado pela criação do Sisu, mesmo sua existência ou não, nunca foi objeto central da mídia hegemônica no país, como veremos na justificativa deste trabalho.

Por isso, a vontade de dar voz àqueles que desbravam essa área e de apresentar um cenário mais próximo possível do real sobre a situação deste tema. As dúvidas sobre o assunto são várias e há diversos clichês que caberiam para explicar o fenômeno. A busca por se aproximar da verdade visa responder a um anseio pessoal, mas primordialmente jogar luz sobre este debate na sociedade.

Para Habermas, a esfera pública é a mediadora entre o Estado e o povo, e a comunicação tem papel definitivo na construção do discurso e na função de colocar certos temas e questões na discussão do público, para que aí o estado possa tomar ou não alguma atitude sobre isso: “Só à luz da esfera pública é que aquilo que é consegue aparecer, tudo se torna visível a todos” (HABERMAS, 2003, p. 16).

2. Justificativa

Quando colocamos em sites de busca na internet as palavras Sisu e migrações, é possível encontrar apenas dois registros de cunho jornalístico envolvendo o tema, mesmo com o filtro para conteúdo noticioso ligado. O mais recente encontrado por este trabalho foi uma reportagem do jornal *Folha de Pernambuco*, produzido pela jornalista Anna Tenóri em 2017.

A segunda matéria que se pode achar é do portal de notícias G1, do grupo Globo, e data de quatro anos antes, 2013. Ambas, ainda, tratam do tema de forma precisa, mas superficial, com pouco espaço dedicado ao assunto. E mesmo quando o autor faz um trabalho mais aprofundado, com dados e entrevistas, seus achados e questões levantadas carecem de uma nova visita, pelo tempo em que foram escritas.

Quantas vezes você lembra de ter ouvido ou visto na televisão ou rádio, ou até lido em jornais impressos e na internet, uma história de superação que envolva alcançar o curso superior com o enfoque na migração estadual? A falta de representação dessas pessoas e do tema foi um dos principais motivos que me motivaram pessoalmente a entrar de cabeça nesse mundo.

As notícias mais recorrentes sobre o Enem e o Sisu são aquelas que comumente chamamos de “notícias de serviços”. Elas cumprem um papel interessante de informar ao público data de provas, locais de realização dos testes e a forma para se inscrever no processo seletivo. Essa forma, contudo, nem de longe chega a esgotar o assunto ou mesmo dar um panorama mais amplo dele para a sociedade.

Outro aspecto comum na cobertura do ingresso no ensino superior é o de apresentação de grandes números divulgados pela pasta responsável, no caso, o Ministério da Educação (MEC). Essas seriam as matérias mais relacionadas à quantidade de inscritos nas provas todos os anos, quantos passaram, qual a proporção de interessados por vaga em determinado curso.

Nenhuma dessas alternativas era suficiente para sanar minha inquietação e minhas dúvidas sobre o comportamento das migrações estudantis no Brasil atualmente, muito menos a respeito das histórias e desafios enfrentados por quem decide estudar em outro estado, como eu mesmo fiz. Era preciso atualizar os dados utilizados, muitos com referência apenas do primeiro ano de Sisu, além de dar voz às pessoas que efetivamente fazem esse movimento e têm a vivência necessária para compartilhar alegrias e tristezas encontradas.

O especial *Sisu: sonhos em movimento* surge, então, como alternativa que visa superar esses dois problemas. Primeiro tendo acesso a dados mais novos de mobilidade estudantil disponibilizados pelo MEC, dessa vez entre 2014 e 2017, além de contar histórias, partindo de personagens, que ilustram os principais desafios encarados.

O fato de ser uma plataforma online contribui mais ainda para suprir essa lacuna de conteúdo jornalístico produzido sobre o tema, já que esta agrega diferentes tipos de material, em diferentes formas para serem consumidos, como vídeos, textos, infográficos.

Ainda neste campo, um site acaba centralizando muito mais as informações, facilitando, desta forma, a pesquisa e o acesso de quem se interessa. Uma de nossas intenções é, justamente, que o conteúdo disponibilizado seja uma ferramenta de transformação do imaginário sobre o assunto, fomentando o debate e servindo de subsídio para quem ainda não decidiu se segue ou não por esse caminho.

Outro item que diferencia este trabalho dos demais produzidos na área é o ponto de partida. Isso porque os artigos jornalísticos encontrados fazem uma comparação entre o período pré-Sisu e o imediatamente depois de sua implantação. Sua maioria traz, por isso, o número de 25% de migrações nesta comparação, com o resultado antes do sistema sendo de apenas 1%.

Aqui, por outro lado, a comparação é entre os próprios anos de processo, que está prestes a completar dez anos. Sendo assim, com uma base de instituições inscritas aumentando de 51 no primeiro semestre para 129 no mais recente, os dados analisados são outros.

O crescimento e a centralização da seleção para as universidades mostram uma normalização da proporção de migrantes, variando muito pouco na

casa dos 13%, quando fazemos uma média simples entre os anos aos quais tivemos acesso.

Dessa forma, se faz ainda mais presente a necessidade de se produzir mais conteúdo informativo sobre a situação, mostrando que, apesar de ter o acesso facilitado pelo Sisu, as universidades ainda recebem relativamente poucos estudantes oriundos de fora. E, a partir daí, iniciar a discussão com a sociedade acerca desse cenário, ou se é preciso fazer algo para mudá-lo.

No campo acadêmico, a escassez se repete. Destaca-se entre quem tem escrito sobre o tema o trabalho de Li e Chagas em “Efeitos do Sisu sobre a migração e a evasão estudantil” de 2017 e Machado e Szerman de 2015, que falam sobre a mesma questão em “*The effects of a centralized college admission mechanism on migration and college enrollment: evidence from Brazil*”.

Em ambas as pesquisas a base de dados utilizada é defasada como nas matérias antes citadas. Elas chegam até o primeiro ano que se analisa aqui, 2014. É complicado, contudo, utilizar suas descobertas nas conclusões desta pesquisa. Por serem trabalhos desenvolvidos em cursos de Economia, os números encontrados são apenas probabilísticos. Ou seja, quantos por cento a mais de chances tem alguém de migrar para estudar, caso isso ou caso aquilo.

Esse não é o enfoque das reportagens produzidas neste trabalho, que visam desenhar um cenário mais próximo do real possível de pessoas que efetivamente migram e descobrir o lado mais humano desse processo. Sendo assim, mesmo que eles cheguem a algumas conclusões a respeito da migração estudantil que são úteis e confiáveis, estas não são nada mais que complementares do trabalho de criação de narrativa jornalística desenvolvido por nós.

Além do mais, um lado que é muito enfatizado pelos trabalhos acadêmicos citados é a relação entre o Sisu e os impactos na evasão escolar. Esse aspecto foi, de forma consciente, retirado do escopo da produção do especial multimídia, pelo fato de que, apenas com reportagens, seria muito complicado cravar uma relação direta entre os migrantes do Sisu e a evasão no ensino superior.

Em algum ponto da produção, esse tema era até cogitado para virar alvo de algum dos conteúdos, mas acabou sendo posteriormente retirado do escopo do trabalho, justamente por não poder ser abordado de forma profunda sem

alterar significativamente o enfoque proposto. Considerando também as limitações de tempo e de orçamento, ampliar de tal forma o especial se mostrou não factível. Optamos, assim, por nos ater à discussão principal e que é o objetivo primário do trabalho: o cenário das migrações e suas narrativas próprias.

O produto proposto visa primariamente jogar luz sobre as migrações estudantis no Brasil proporcionadas pelo Sisu e, a partir daí, contribuir para o debate sobre o atual cenário deste tema no país.

O especial multimídia “Sisu: sonhos em movimento” foi pensado para suprir uma lacuna de materiais jornalísticos sobre o tema, funcionando como um agregador de conteúdo da área, podendo ser utilizado para pesquisas, se informar, entreter e ser fonte de subsídios para fazer a escolha entre migrar ou não.

Dessa forma, quem pesquisar na internet, por exemplo, sobre Sisu ou migrações terá onde ficar sabendo que hoje no Brasil ainda não há uma cultura estabelecida de mobilidade estudantil e que essa trajetória pode ser muito complicada por conta disso.

Quem sabe alguns jovens que sempre sonharam em fazer Medicina em São Paulo, um dos cursos mais concorridos do país, não entrem em contato com o site e fiquem sabendo pela primeira vez do curso de Medicina em Cáceres, no Mato Grosso? Dar a chance de pessoas que nunca pensaram sobre isso verem que é possível ou fornecer outras opções para quem já sonha com esse destino podem também se enquadrar como objetivos do projeto.

A informação de qualidade liberta e dá outras visões sobre o mesmo tema. Por isso, como uma das possibilidades criadas, podemos esperar que este produto seja usado para discutir seriamente as políticas públicas de educação voltadas para quem sai de seus estados.

Bem utilizada, seja nas mãos do Estado, que pode identificar os principais problemas e lançar incentivos específicos para resolvê-los, seja de posse de professores e estudantes da rede básica de ensino. Estes que, assim como eu no passado, hoje se deparam com muitas dúvidas e poucas certezas quando o assunto é decidir sair de casa para estudar.

Serei bem recebido na universidade e cidade novas? Terei como me manter financeiramente longe da família? Quais aspectos devo levar em

consideração para saber se essa é a melhor escolha para mim no meu atual contexto? Esses só são alguns dos questionamentos, cujas respostas podem se beneficiar em parte ou completamente pela produção do referido projeto.

4. Objetivos

- Criar uma plataforma online sobre migrações estudantis
- Inovar na linguagem jornalística de especiais multimídias

5. Referencial teórico

5.1 Revisão clássica

Para Clovis Rossi, falecido durante a produção deste memorial, o jornalismo não é mais que “uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes” (ROSSI, 1980, p.2).

Ele explica que essa batalha é sutil, travada por meio de palavras, ou no caso da tevê, de imagens. Um dos principais objetivos do proposto trabalho é o de conseguir influenciar no debate sobre o tema das migrações internas causadas pelos estudos por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu). Vencer esta disputa, portanto.

Mas, para que possamos fazer isso da forma mais efetiva possível, foi preciso entender como funcionam os campos de discussão e de debate na sociedade e como o jornalismo pode influenciar esses espaços. Habermas definiu a esfera pública como um local de mediação entre o Estado e a esfera privada. Esta seria um dos pilares da democracia, permitindo que todos os atores sociais tenham voz.

É aí que entra de uma vez o papel do jornalismo. Afinal, na prática, nem todas as pessoas ou temas têm, de fato, poder de fala em uma sociedade democrática. Isso porque há diversas forças que atuam para manter sua hegemonia enquanto silenciam grupos e ideias que não formam a pauta de quem tem o poder.

A comunicação, por sua vez, principalmente a comunicação pública, participa da esfera pública trazendo justamente essas questões que não são a pauta dos governantes.

O conceito de agendamento, trazido por McCombs e Shaw (1972), explica em parte esse fenômeno. Ele diz que a mídia tem o poder de criar um assunto de interesse no público, que cobra os governantes sobre essa demanda, antes inexistente. “Os veículos noticiosos podem não ser bem-sucedidos em dizer às pessoas o que dizer, mas são surpreendentemente bem-sucedidos em dizer às audiências sobre o que pensar” (McCOMBS, 2004, p. 19).

O conceito de agenda setting foi revisitado pelos próprios autores várias vezes depois com o passar dos anos, mostrando que de forma alguma os receptores, ou leitores, são completamente passivos no processo. Mas são influenciados pela mídia, principalmente a comunicação de massa, o que não é o caso do proposto trabalho.

Por ser produzido de maneira individual, sem o apoio de grandes empresas de comunicação, se vê com um alcance limitado. Assim seria há algumas décadas, pelo menos. Com o avanço das redes sociais e da democratização do acesso à internet, os paradigmas de limitações para conteúdos produzidos de forma não convencional estão sendo quebrados.

Uma terceira teoria que visitei durante a graduação e que tive contato na prática durante a produção do produto foi a do gatekeeping (SCHUDSON, 1988). Isso se deve ao fato, principalmente, por conta da dinâmica de apuração de conteúdos mais longos. Nestes casos você conversa com muitas pessoas sobre o tema principal e sobre outros que o tangenciam.

Depois desse processo, contudo, é preciso fazer uma série de filtros para que, ao final, só restem aqueles que são realmente essenciais para que a narrativa tenha uma coerência. É preciso ter sangue frio para poder cortar os excessos, que na maioria das vezes são boas histórias, mas que não se encaixavam na macro narrativa ou não ilustravam da melhor maneira possível o cenário que estava sendo apresentado.

A experiência de fazer jornalismo no século XXI é quase esquizofrênica. Porque ao mesmo tempo em que nos deparamos com os conceitos aprendidos

no início do curso, como os já citados, em sua forma mais clássica, também precisamos lidar com as alterações sofridas por eles ao longo do tempo.

No caso do agenda setting, é preciso levar em consideração que na atual conjuntura é quase ingênuo imaginar que apenas a mídia tem o poder de pautar a esfera pública com assuntos e discussões. Cria-se, então, o contra-agendamento, que consiste nas pessoas, ou esfera privada, pautando a imprensa com seus temas e preocupações principais.

Isso se dá pelo fato de as pessoas conseguirem se informar sobre os temas de formas múltiplas, não sendo mais dependente dos veículos de comunicação de massa. A partir daí a população pode pegar as suas diversas referências e concatenar em uma demanda específica, fora do radar da mídia. Usa-se, principalmente, as relações entre si para chegar à conclusão de qual o tema que se quer como alvo de debate.

A sociedade não necessita da mídia para se informar a respeito de tudo o que ocorre ao seu redor. Ela consegue encontrar essas informações em outras searas também, em ambientes informacionais externos à mídia, como a internet atualmente. Mas uma ganha destaque: as relações interpessoais. (BARRETA e CERVI, 2012, p. 8)

Apesar disso, o trabalho aposta no agendamento tradicional para que os objetivos traçados sejam alcançados. Misturando os dois conceitos, é possível que a mídia pautar um tema para a sociedade, que vai discutir entre ela as questões, e então devolver a demanda para a mídia.

Isso iria ao encontro de um dos propósitos principais do trabalho, que é o de fazer com que os veículos de comunicação em massa, ou a “grande imprensa”, possa tomar conhecimento do tema das migrações estudantis e das dificuldades enfrentadas pelos alunos para produzir cada vez mais conteúdo sobre o assunto.

Dessa forma, com uma espécie de ciclo de agenda setting, cria-se uma onda de produção que contemple esse desejo da sociedade por saber mais sobre essa temática. Mais ou menos como funcionam os programas esportivos,

que criam pautas e pegam outras do público para manter um interesse contínuo sobre questões, em tese, já esgotadas.

Para conseguir chegar nesse patamar, contudo, é preciso também ter a forma adequada. No caso de um tema pouco explorado, começar com um conteúdo que tenha diferentes formas de comunicar pode ser mais efetivo em se espalhar e chegar a mais pessoas de diferentes formas. Daí a opção por um especial multimídia e não uma reportagem comum.

5.1 Especial multimídia

Com vistas a cumprir o objetivo já exposto em capítulos anteriores, de jogar luz sobre um tema de relevância ainda pouco explorado pela grande mídia, era preciso que o produto a ser construído fosse suficientemente robusto e profundo. Ainda assim, a densidade do material não poderia ser tamanha que sua leitura ficasse maçante e desinteressante.

Isso porque, pela falta de outros do mesmo gênero, poderíamos cair na tentação de buscar esgotar o tema de uma só vez, o que é impossível e tornaria o trabalho, por conta disso, incompleto. Por sua vez, decidimos focar nos principais problemas enfrentados por quem migra para estudar e em traçar um possível cenário para esse movimento no Brasil de hoje.

Definidos esses detalhes, o formato foi o próximo passo. Para Kotscho (2004, p. 71), as grandes reportagens são aquelas mais extensas, que, cercado um assunto por todos os ângulos, alcança uma maior profundidade. Segundo esse conceito, a grande reportagem clássica seria uma boa opção para contar as histórias da forma que gostaríamos.

Quando olhamos mais de perto, contudo, percebemos que esse tipo de produção jornalística traria muitos riscos ao foco principal do trabalho. Isso porque esse tipo de narrativa é longo e tem um padrão preestabelecido que pouco conversa com as novas gerações e com o público mais jovem, alvo principal do produto.

O próprio autor afirma que esse tipo de material está sumindo das redações por conta de seus altos custos, seja de tempo disponibilizado pelo

repórter, seja de investimento feito pela empresa. Neste trabalho a grande reportagem sobrevive em sua essência, que ajuda qualquer um a fazer um trabalho perfeccionista e cuidadoso com as histórias. Kotscho diz que esse é um dos poucos redutos do amor à profissão, uma ótima referência para um Trabalho de Conclusão de Curso.

Há cada vez menos repórteres dispostos a encarar o desafio de entrar de cabeça num assunto, esquecer tudo o mais, para, no fim, ter o prazer de contar uma boa história. A grande reportagem rompe todos os organogramas, todas as regras sagradas da burocracia – e, por isso mesmo, é o mais fascinante reduto do jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito de aventura, de romantismo, de entrega, de amor pelo ofício. (KOTSCHO, 2004, p. 71)

Portanto, a conclusão que se pode chegar é que o material que melhor se encaixava na proposta idealizada era algo com o espírito de uma grande reportagem, mas com a atualização para as novas gerações. Algo que pudesse ao mesmo tempo informar com profundidade casos específicos, gerando um paralelo com o todo, e ao mesmo tempo fosse leve e dinâmico para não cansar a audiência nesse primeiro contato mais detalhado com o tema.

Conforme Longhi (2014), no artigo “O turning point da grande reportagem multimídia”, há dois sucessores naturais das grandes reportagens impressas que citamos há pouco: os especiais multimídia e as grandes reportagens multimídia.

Na linha do tempo da autora, os primeiros tipos de comunicação multimidiática são os slideshows noticiosos, no início dos anos 2000. Em seguida vêm os especiais multimídia, de meados de 2002 até 2011. E, por fim, as grandes reportagens multimídia que têm sido feitas de 2011 até hoje.

Definimos tais produtos como formatos noticiosos hipermidiáticos, ou seja, aqueles produtos informativos produzidos e distribuídos nos meios digitais de comunicação e informação, que contêm as características de multimedialidade, interatividade, conexão e convergência de linguagens próprias da linguagem hipermídia e do ambiente digital e online de informação. São exemplos:

áudio-slideshows, picture stories, infografia online (interactive graphics), especiais multimídia (multimedia features) e, mais recentemente, a grande reportagem multimídia. (LONGHI, 2014, p. 6)

Tirando os slideshows, ainda o princípio da comunicação online e das formas de comunicar com convergência de linguagens, os outros tipos categorizados pela autora estavam sobre a mesa para que pudéssemos adotar na produção de *Sisu: sonhos em movimento*. Para podermos fazer a escolha que melhor corresponde ao proposto, é preciso diferenciar os dois tipos de produtos multimidiáticos apresentados.

O especial multimídia (LONGHI, 2010) é uma grande reportagem com várias linguagens convergentes, dentro de um único pacote de informação. Ou seja, além de usar formatos como a entrevista, o documentário, a infografia, pesquisa e outros, o especial multimídia precisa de uma plataforma própria, onde todo esse conteúdo fica disponível.

Enquanto o especial se caracteriza por um espaço digital multilinear onde as grandes reportagens e os conteúdos convergentes ficam, a grande reportagem multimídia é caracterizada por um texto long-form e por um formato de página única, onde navegamos pela barra de rolagem e as linguagens diferentes vão aparecendo em sequência.

Na “Fase Três” compreende a consolidação da grande reportagem multimídia, definida por técnicas como o parallax scrolling, ambientes e ferramentas como HTML5, CSS, narrativas imersivas e texto long form, dentre outras características inovadoras de design e navegação. É aqui que se verifica o “turning point”. (LONGHI, 2014, p. 13)

As diferenças técnicas referentes à programação do espaço virtual a ser utilizado não serão abordadas por este trabalho, dada a limitação da ferramenta de criação do site, como veremos no próximo capítulo.

O ponto decisivo para que eu tomasse a decisão de escolher produzir um especial ao invés de uma grande reportagem, como acabamos de comparar, foi a

construção da narrativa. A narrativa long-form, típica do segundo formato é “a forma de narrativa textual mais consistente, que segue um padrão de leitura vertical, dado pela barra de rolagem, tem marcado a grande reportagem multimídia contemporânea” (LONGHI, 2014, p.19).

Esse estilo de escrita foi decisivo para a escolha, porque este tipo de construção traz, além dos conteúdos multimidiáticos mais dinâmicos, textos com mais de quatro mil palavras sobre o assunto a ser exposto. Somando toda a produção abarcada pelo presente trabalho, há mais texto inclusive que esta quantidade. Para cumprirmos a ideia de ser um espaço de informação e polo atrativo para as mais diversas discussões sobre migrações no âmbito do Sisu, contudo, uma narrativa menos linear, trazendo diversas páginas clicáveis e com conteúdos compartimentalizados, se mostrou como uma melhor opção.

Dessa forma, o público alvo principal, mais jovem, poderia acessar diversas vezes o site, aproveitando as partes que mais lhe interessam, sejam as histórias únicas e humanas das reportagens, sejam os guias para quem deseja se mudar, sejam as indicações culturais que constroem a atmosfera dessa trajetória.

Mesmo com o intuito de afastar o especial aqui produzido de formatos mais caracterizados como grandes reportagens multimídias, como as da revista *The New Yorker*, do jornal *The Washington Post* e da *Folha de S.Paulo*, há elementos que foram introduzidos no formato de especial multimídia, já definido há pouco.

Ou seja, a título de experimentação, um dos aspectos mais instigantes e próprios de produtos criados dentro da Academia, tentou-se mesclar aspectos das duas formas sucessoras das grandes reportagens impressas buscando uma forma diferenciada de contar histórias.

Desta forma, ao passo que desenhamos a plataforma com múltiplas janelas navegáveis, cada uma trazendo um tipo de conteúdo único e que proporciona uma experiência de leitura diferente das demais partes, também procuramos fazer com que cada uma dessas páginas fosse construída em uma espécie de long-form. Uma versão adaptada para as nossas necessidades.

Isso porque a leitura de cada aba tem conteúdo visual e textual pelo menos, com animações e com um visual lúdico, quase que para disfarçar que é

uma produção jornalismo. É como um brinquedo educativo para crianças, em que o aprendizado vem junto com a diversão e o irreverente. A ideia era justamente fazer de uma forma que fosse leve e profunda, como já foi citada, se espelhando em uma versão misturada de *Buzzfeed* e *Folha de S.Paulo*.

Outra mistura feita no âmbito da experimentação da forma e da linguagem, na tentativa de prender mais o visitante do site, que como já foi dito pode consumir do seu jeito até fazendo visitas múltiplas, foi a de criar um caminho digital para o site. Isso significa que a todo tempo o espectador está sendo chamado a decidir para onde vai em seguida.

O conteúdo não é linear como nas grandes reportagens multimídias, mas a interatividade ocasionada do poder dado ao leitor cumpre o papel de dar a imersão necessária à experiência. Não há só uma forma de aproveitar o que tem para ser visto, ouvido e lido. A multilinearidade, em conjunto com uma narrativa dinâmica e lúdica, visa ampliar ainda mais a forma como lidamos com as notícias.

O vínculo que esse grupo de escolhas pretendeu criar vai muito além do esquema receptor, meio e mensagem. Confere um papel muito mais ativo ao consumidor, seja pesquisando por conta própria para encontrar o site, seja selecionando qual parte do especial lhe agrada mais para que possa compartilhar e destacar apenas aquele trecho.

Nas narrativas multimídia que vemos hoje mais tradicionalmente, o leitor fica quase refém da ordem pensada pelos jornalistas, o que aumenta a imersão no tema, mas também pode incrementar o número de pessoas que simplesmente desiste de acompanhar até o final.

Em um cenário onde somos cada vez mais bombardeados de conteúdo por todos os lados e em que a impaciência reina, há uma espécie de hiperatividade, no sentido de não conseguir ficar muito tempo parado em um local só, fazendo só uma coisa. Há uma sensação constante de perda, parecendo que cada segundo fazendo uma coisa é um segundo perdido fazendo outra coisa igualmente relevante.

Pensando nisso, este trabalho tentou mesclar duas das mais novas formas de narrativas online. Procurando sempre manter o espírito mais essencial das grandes reportagens tradicionais, trazendo a imersão das novas narrativas

multimídias, mas preservando a escolha e a liberdade do leitor de aproveitar o conteúdo da forma e no tempo que preferir.

6. Metodologia

Nas próximas páginas passaremos por todo o processo de criação do especial multimídia *Sisu: sonhos em movimento*, que é um site hospedado na plataforma gratuita Wix. O portal em si é dividido em três áreas principais de navegação, as quais podem ser escolhidas pelo leitor na página inicial e assim determinar por onde e o que consumir do conteúdo ali disposto.

As teorias e conceitos que guiaram a construção desse espaço virtual e sua dinâmica de navegação, bem como o que motivou a utilização de linguagens diferentes, que convergem para uma mesma narrativa, estão explicitados no capítulo anterior.

A ferramenta de criação de sites Wix foi escolhida a princípio porque eu já havia utilizado antes e sabia que as possibilidades de criação são bem complexas para uma opção gratuita. Além disso, os comandos são de fácil aprendizagem e altamente customizáveis. Apesar de a plataforma prover modelos ou templates de sites para determinadas áreas, é possível fazer um design inédito. Foi isso que fiz.

Outro fator determinante foi a familiaridade que já tinha com o Wix. Isso se deve à criação de um webdocumentário para a matéria de Fotojornalismo. Muitas das ideias e ferramentas que experimentei ali no sexto ou sétimo semestre serviram de base para o produto que proposto agora.

Nessa parte do memorial descritivo isso será um item comum. Durante o processo de produção do especial, me deparei com várias questões que deveriam ser resolvidas com conhecimentos que adquiri ao longo do curso. Foi o caso da criação dos infográficos e listas animadas inéditas utilizadas na área “Atmosfera” do site, como veremos mais à frente.

Um exemplo claro de uma referência que o curso trouxe e me permitiu colocar em prática agora foram as escolhas das cores e da diagramação dos itens nas páginas. No primeiro semestre, na turma de Fundamentos da

Comunicação Visual, aprendemos os princípios de como dispor o material na tela para garantir uma melhor leitura, sempre intercalando texto com imagens e infográficos. A sensação de respiro dos longos textos e histórias densas foi priorizada, nunca deixando muitos parágrafos seguidos sem algum apoio de uma outra linguagem.

As cores são alegres e foram distribuídas de forma a transmitir o clima mais lúdico escolhido para o trabalho, mas sempre com contrastes fortes para impedir que a leitura fosse comprometida. Imperam em todo o design do site os tons de amarelo e rosa, lado a lado com os pretos para que ficassem ainda mais em destaque.

As três partes em que se dividiu o site serão abordadas separadamente a partir de agora. A primeira, denominada “Sonhos”, diz respeito ao conjunto de matérias jornalísticas, bem como a feitura do material de apoio e à diagramação das mesmas. Contaremos os aprendizados e desafios de apuração e execução das reportagens.

Em seguida, temos a seção chamada de “Guia”, que trata de uma série de dicas e conselhos em formato de infográficos para quem quer se mudar para estudar e está visitando o site ou para quem apenas tem a curiosidade de entender que pontos é preciso levar em consideração quando opta por esse caminho.

A terceira e última área do site é a “Atmosfera”. Nesse campo o visitante encontra três listas em forma de infográficos animados. Ao todo são indicadas 30 obras da cultura pop mundial que têm a ver em alguma medida com os temas abordados pelo especial.

Foram criadas três listas, cada uma com dez itens, que trazem livros, músicas e filmes que servem tanto para ajudar quem já se mudou a enfrentar as questões que aparecem, como também são úteis para explicar e ilustrar os sentimentos vivenciados por quem decide terminar os estudos longe de casa.

A partir dessa divisão e da liberdade dada ao espectador, como já explicado, o trabalho tenta deixar o especial multimídia mais lúdico e receptivo principalmente para o público mais jovem, que consome conteúdo na internet de forma não linear. A opção por artes e design visual mais apelativo também vem

da demanda deles de serem a todo tempo estimulados visualmente em conjunto do texto explicativo.

6.1. Sonhos

De longe, esta é a parte que levou mais tempo para ser concluída e a que demandou mais trabalho e esforço na produção do especial. Era preciso encontrar boas histórias e estabelecer um cenário para as migrações estudantis no Brasil para que pudéssemos mesclar as duas coisas e apresentar esse mundo tão pouco explorado para as pessoas.

O primeiro passo foi procurar as fontes oficiais para tentar obter os números ligados ao tema. A ideia era traçar hipóteses baseadas nos dados encontrados e aí então começar a busca dos personagens que conseguissem ilustrar a realidade apontada.

Foi aí que os primeiros desafios e possíveis limitações do trabalho começaram a aparecer. Entramos em contato, via email, com o Ministério da Educação em Brasília. Pedimos os números de migrações por estado, quantidade de instituições cadastradas no Sisu, posicionamentos da pasta sobre o tema, análises e, por fim, um pedido de entrevista com o atual secretário de Ensino Superior.

De tudo que foi solicitado, recebemos como resposta planilhas com a mobilidade interestadual entre os anos de 2014 e 2017, uma outra com as instituições que fazem parte do Sisu desde sua criação até o primeiro semestre de 2019 e uma terceira planilha com as notas de corte em diversas modalidades por semestre em todos os cursos das instituições participantes.

Questionei o fato de termos os dados de migração apenas durante quatro anos, mas como resposta ouvi que o resto dos dados ainda não estava consolidado pela área técnica no ministério e não haveria tempo hábil para que terminassem dentro dos meus prazos. Sobre as análises e pedidos de entrevistas, o retorno foi que o MEC não estava entrando nesse assunto no momento, em meio a diversas polêmicas envolvendo comentários do então ministro Ricardo Vélez Rodríguez, que acabou sendo demitido.

Sobre o pedido de conversa com o secretário responsável pelo Sisu e pelas universidades, a pasta justificou que como eu não fazia parte de um veículo de imprensa estabelecido e pela matéria ser para fins acadêmicos, apesar de jornalística, eles não poderiam conceder o pedido. Essa foi a mesma explicação que ouvi quando tentei reiteradamente junto à Universidade de Brasília, por meio de sua assessoria de imprensa, marcar entrevistas com especialistas do tema que pudessem comentar a situação das migrações estudantis.

Por meio de outros contatos, que não os oficiais, recorri às autoridades da época em que o Sisu foi criado. Isso significaria conversar com o ex-ministro da Educação e ex-candidato a presidente da República, Fernando Haddad. Conversei com o assessor direto do político, que explicou que ele não tinha interesse imediato de entrar nesse tema justamente pelas polêmicas que o tema havia gerado junto ao governo recém eleito de Jair Bolsonaro, que venceu Haddad na corrida presidencial das eleições de 2018.

Mesmo assim, consegui o contato da secretária de Ensino Superior à época, a professora doutora Maria Paula Dellari, a qual entrevistei por email. Mais um desafio que aparece, afinal, ela é docente titular da Universidade de São Paulo atualmente e pela falta de recursos disponíveis para a produção do especial, se tornou impossível me encontrar pessoalmente com a ex-secretária.

Essa questão se repetiu mais vezes durante o processo de produção por conta da decisão de tornar a abordagem nacional o ângulo utilizado para as reportagens. Não faria sentido na proposta limitar o campo de apuração a só um estado ou cidade, justamente porque o objetivo é representar e dar voz para pessoas que saem de suas casas e vão para os mais diversos lugares.

A conversa com Dellari acabou se transformando em uma matéria sozinha na seção “Sonhos”, junto com outros dados de evolução do Sisu ao longo do tempo, trazendo a opinião e análise de quem participou do processo de criação do sistema. Ela é a única “especialista” clássica que aparece explicitamente nos conteúdos jornalísticos produzidos para o especial.

Isso se deve a mais uma tentativa de experimentação com a narrativa clássica do jornalismo. Durante o processo de apuração das histórias, entrevistamos, além da professora, professores de ensino médio do Norte e do Centro-Oeste brasileiro, além de coordenadores de cursos particulares, públicos

e voluntários, para entender as influências que o sistema de seleção causa nos alunos que ainda se preparam para a prova. Também usamos essas conversas para tentar traçar o panorama de motivações para os estudantes optarem por estudar longe de casa.

Essa apuração aparece indiretamente em todos os textos porque elas ajudaram a estabelecer o cenário migratório que serve de base para todas as hipóteses e conclusões alcançadas pelas reportagens, assim como também contribuíram os números e as entrevistas com diversos estudantes do segundo e do terceiro grau. Mesmo que grande parte deles também não apareçam nas matérias por escolha editorial, como veremos a seguir.

A partir da análise dos dados enviados pelo ministério, foi possível extrair números e conclusões interessantes. Para isso foi preciso criar novas tabelas usando as originais, só que dessa vez com o enfoque que melhor cumpria os requisitos jornalísticos básicos. Conseguimos identificar diferenças nas notas de corte médias de certas regiões, sendo umas muito superiores a de outras mais pobres. Esse aspecto financeiro e de infraestrutura também se mostra presente no ranking dos estados e regiões que mais enviam e recebem alunos em cada ano disponibilizado, com o Sul sendo de onde mais saem estudantes para estudar em outros estados.

Outra fonte relevante para a construção das quatro tabelas com apenas as informações refinadas e que seriam a base da construção do cenário das migrações estudantis no Brasil dentro do período analisado foram as sinopses estatísticas do ensino superior brasileiro disponíveis no site do MEC.

As tabelas que foram construídas para as reportagens são: migração por estado e os dados relacionados a isso ano a ano; uma semelhante só que com o recorte por região; mais uma que traz a evolução do número de instituições inscritas no Sisu de 2010 a 2019; e uma última que compara o desempenho médio de estados e regiões no Enem de 2017, dado mais recente disponível.

O panorama que os números apontaram foi o de que a quantidade de pessoas que migram para estudar está relativamente estagnado no período registrado, em torno de 13% das matrículas totais. Isso foi mais uma vez comprovado com as conversas com os especialistas e com a mais de uma

dezena de estudantes do ensino médio e superior, que apontavam para uma baixa vontade de migração com fins de estudar.

Esse quadro só se alterava quando havia uma motivação extra forte na direção dessa decisão. É o caso de cursos muito concorridos, como Medicina, vontade de se descobrir longe de casa ou sonho de estudar em um polo específico da profissão, como jornalismo em Brasília.

Uma vez diagnosticados os principais problemas e características do processo migratório relacionado à graduação no país, era preciso encontrar os personagens perfeitos. Eles precisavam ter boas histórias, que retratassem o cenário identificado de uma forma humana e íntima. Como já dissemos, o objetivo nunca foi esgotar o assunto, mas traçar um panorama e mostrar as histórias reais que fazem parte dele.

A busca das melhores histórias foi angustiante, por conta dos prazos que temos que cumprir com a produção e a necessidade de colocar a rede de contatos para funcionar e, de fato, escavar uma boa história dentro dos parâmetros que se faziam necessários.

Enquanto esse processo se desenrolava, traçamos as decisões editoriais que determinariam como seria o formato das matérias, pelo menos das três principais do material, duas textuais e uma de vídeo. Decidiu-se, então, por uma divisão de estágios. Ou seja, retrataríamos diferentes etapas da jornada, ou sonho, de estudar longe de casa.

Os momentos seriam, primeiro, o “antes do sonho”, quer dizer, antes da realização da prova e as dificuldades em relação a isso. O próximo seria o de ser aprovado e se deparar com o dilema de decidir, efetivamente, migrar ou não. Por fim vem a relação entre expectativa e realidade, como vive e quais as angústias que afligem o jovem que largou tudo pra tentar a vida em um novo lugar.

Para que essas fases ficassem claras e as miudezas de cada história fossem destacadas, determinamos que cada reportagem teria o menor número de elementos possível. Uma experimentação quase que minimalista do texto, deixando apenas os dados que contornam o cenário e duas histórias, em grande parte opostas, como o recheio da narrativa.

As reportagens principais, da espinha dorsal do trabalho, seguem à risca esse padrão. Adicionando, é claro, as outras linguagens que contribuem para

enriquecer ainda mais o mundo onde aquelas pessoas ali apresentadas lutam diariamente para superar as barreiras impostas por um país ainda sem uma cultura de migrações estudantis.

Após meses de procura, conseguimos quatro joias de personagens, que conversavam muito bem entre si, com a proposta e tinham histórias únicas e interessantes. Uma jovem do sertão da Bahia que se mudava de cidade para estudar já pela segunda vez, superando dificuldades financeiras, apenas para realizar o sonho de se tornar médica. Em contraste com a adolescente de classe média, que é apoiada pelos pais, estuda em bons colégios e consegue se dedicar só a estudar para conseguir fazer Medicina na maior universidade do país.

Esse é apenas um exemplo do resultado do garimpo de personagens. O passo seguinte agora era escrever as reportagens, escolher o estilo de texto a ser empregado, e mais um desafio pessoal para mim apareceu. Escolhemos por uma linha que ia muito ao encontro do jornalismo literário, aos moldes da *Piauí* e de grandes nomes como Gay Talese. A minha experiência com escrita desse jeito, contudo, era limitada.

Sempre estagiei em redações que não davam a liberdade necessária para ousar um estilo como este. Não adiantando uma discussão do próximo capítulo, creio que a evolução das primeiras versões dos textos para as que foram para o site foi grande e me fez perceber que é possível transitar por diferentes maneiras de contar uma história.

A imersão necessária da minha parte na narrativa e nas decisões editoriais, para balancear uma experiência agradável aos leitores e que estivesse dentro das minhas capacidades, foi a parte mais desgastante e recompensadora de todo o processo. Entender que nem tudo vai ficar do jeito imaginado, mas que como um bom profissional “2.0” é possível fazer muito mesmo com limitações, utilizando o bom Jornalismo.

Produzir conteúdo de qualidade, misturando linguagens, que são inéditas e de produção própria, é um requisito importante no mercado de trabalho e me mostrou o quanto de conhecimento absorvi durante a graduação.

6.2. Guia

Um dos aspectos que mais me motivou durante todo o processo de elaboração do produto foi a oportunidade de retribuir à sociedade o investimento feito na minha formação como profissional e como pessoa proporcionada pela Universidade de Brasília. Por isso, em conversas com o orientador, optamos por ter uma aba que se assemelhasse ao que se convencionou chamar de “serviços”.

Em 2015, quando passei para a UnB, não conhecia quase nada da cidade e da Universidade a não ser o que ouvia falar e lera superficialmente na imprensa especializada em educação, que em sua maioria é voltada para pessoas que já são da cidade da instituição.

O grande problema nesse caso seria conseguir abranger todas as necessidades possíveis para alguém que quer se mudar, porque cada um tem suas próprias dúvidas e barreiras pessoais a serem superadas. Por isso optamos por abordar as dúvidas mais frequentes, e pequenas dicas para facilitar o processo de quem está decidido a estudar fora.

Para encaixar na dinâmica lúdica e contrabalancear as matérias mais pesadas textualmente, essas páginas inteiras foram feitas como um grande infográfico. O design é completamente produção própria, observando outros tipos de guias disponíveis na internet, que ensinam as mais diversas coisas, como estudar bem em casa, por exemplo.

Ainda foi preciso dividir em duas partes: um guia definitivo para estudar em uma nova cidade e um guia definitivo para estudar em uma nova universidade.

Na primeira trouxemos aspectos como onde morar, como se adaptar ao transporte público da nova cidade e como é importante aprender sobre a cultura local nesse processo. Já no caso da universidade, pontos como burocracia, amizades e eventos sociais.

6.3. Atmosfera

Essa foi uma área criada também para diferenciar a experiência do especial multimídia. Ela surge do questionamento: quem, na cultura pop mundial, já falou sobre os temas mais macro que são diretamente relacionados ao ato de sair de casa para estudar? Seria uma forma alternativa para contar a história das pessoas que tomam essa decisão.

Além disso, também tem o aspecto de servir de ajuda e reflexão sobre as dificuldades de morar em outro lugar, longe da família e amigos, para quem já está nessa situação. Foram três listas, um total de 30 itens de cultura, que contam um pouco de como que é ter essa experiência de estrangeiro dentro do seu próprio país.

A opção nesse caso foi por infográficos animados, usando o site de criação gratuita “infogram”, que permite se produzir designs únicos a partir de partes pré-prontas. A escolha de se utilizar sempre essa ferramenta narrativa se dá pela facilidade de criar conteúdo dinâmico e mais bem acabado esteticamente de forma completa em um site e aí migrar a arte para o site que hospeda o especial multimídia.

Dessa forma, temos dez filmes que retratam a vida na universidade, os dilemas mais comuns, e a sensação de se aventurar fora do seu habitat natural. Na mesma linha também trazemos dez músicas para ouvir quando bate aquela saudade de casa ou para quem ficou a imaginar a sensação que é estar sozinho a quilômetros de qualquer “ajuda”.

Por último, uma seleção de dez livros pensada para ajudar a entender os dilemas da vida adulta e essa sociedade tão complexa que agora os jovens têm de enfrentar de forma solitária.

7. Conclusões

Sobre a temática escolhida para ser o fio condutor de todo o trabalho, as conclusões mais claras que saltam aos olhos após esses meses de pesquisa e construção são: o Brasil ainda não possui uma cultura de migração estudantil estabelecida como em outros países e há pouco material escrito sobre o tema para tentar entender esse fenômeno.

Em ambos os casos o especial *Sisu: sonhos em movimento* se credencia como um potencial catalisador do debate, um de seus objetivos principais. Seja mostrando por meio de um lado humano e intimista as disparidades proporcionadas pelo sistema criado e pelas próprias características sociais brasileiras, as quais já estamos tão acostumados a lidar. Tais como a desigualdade, a má qualidade do ensino básico e outros.

É claro que é preciso admitir que há limitações, contudo, entre o executado em relação ao idealizado. Isso porque barreiras de investimento e geográficas não permitiram que as entrevistas fossem feitas da forma mais correta em casos de grandes apurações, por não terem sido feitas pessoalmente. O que, na minha opinião, limitou um pouco o estilo de texto mais literário pretendido, junto com a falta de experiência do autor.

Ainda assim, todo o valor da experimentação de linguagem apresentado aqui tem sua contribuição para as próximas pessoas que desejarem se aventurar pelos caminhos do especial multimídia. Conferindo um certo ar de ineditismo, não só pelo tema ser pouco explorado, mas também porque a forma de apreciá-lo também tem sua cota de exclusividade.

Deixar com que o caminho a ser seguido dentro do ambiente online criado seja uma experiência individual e única, foi algo desejado. Afinal, a ordem influencia o produto, mas quem influencia a ordem é quem está com o mouse na mão. Conseguir unir a isso uma narrativa multilinear com histórias profundas, foi um desafio complicado, mas que acredito termos superado.

Durante todo o processo me vi sendo submetido a desafios inimagináveis fora do mundo acadêmico, quando tive contato com modos de fazer e conceitos a que fora apresentado muito no início do curso. E, para minha grata surpresa, os conhecimentos adquiridos ainda estavam vivos dentro de mim e pude, com

criatividade, superar as barreiras que surgiram. Como aprendizado, posso afirmar que esta produção me fez um profissional mais completo e mais grato ao trabalho realizado pela UnB.

Retomando a questão dos objetivos iniciais traçados, creio que dois se fazem muito relevantes além dos já citados de diagnóstico e divulgação de um assunto pouco tratado até agora. São eles: o de ser o catalisador de um debate mais amplo sobre o tema na sociedade e a função de devolver para a população o que me foi dado durante a graduação.

No primeiro caso, refiro-me ao fato de que, com o grau certo de divulgação, o portal imaginado para este trabalho tem o potencial para se tornar um hub de conteúdo sobre as migrações estudantis no Brasil. Dar voz a quem já desbravou esse território e jogar luz sobre os problemas que eles enfrentam e quais as possíveis causas estruturais para que certas regiões tenham um desempenho melhor que outras, por exemplo.

É possível que, uma vez no ar, este especial consiga ganhar visibilidade e funcionar como um agendamento do debate na esfera pública. Despertando na sociedade, assim, dúvidas sobre o assunto, como o porquê de ainda estarmos sem uma cultura forte migratória às vésperas de se completarem dez anos da criação do Sisu.

Uma vez esse primeiro salto seja quebrado e as pessoas comecem a pensar sobre o tema, espera-se que o fenômeno do contra-agendamento se faça presente e o próprio quarto setor traga à tona mais uma vez essa discussão. Abre-se, desta forma, caminho para que outros veículos de mídia, maiores e com mais disponibilidade de investimento, também se aventurem produzindo conteúdo correlato a este.

Mesmo que nada disso aconteça, o que é uma das possibilidades, concluo esta memória com o sentimento de que, se apenas um jovem tiver acesso a este produto e se sentir mais preparado para enfrentar a mudança de casa e de hábitos, o meu dever como aluno do ensino superior público do Brasil foi cumprido. O dever de deixar o caminho para as próximas gerações cada vez mais fácil e melhor de que quando eu passei por ali.

E a proposta de se fazer jornalismo de qualidade, com aparência simples, mas com a devida profundidade, mesclado com elementos lúdicos e adequados

a uma geração acostumada com a velocidade do online, tem como potencial o poder de chamar a atenção desses jovens e, quem sabe, de fazê-los cogitar pelo caminho que mudou minha vida para sempre, quando saí de Belém do Pará aos 18 anos para cursar Jornalismo na capital do país.

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994

BARRETTA, Leonardo Medeiros; CERVI, Emerson Urizzi. **Contra agendamento: evoluindo na hipótese do agenda-setting**. In: XIII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 2012, Chapecó (SC). Resumos [...]. [S. l.: s. n.], 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/r30-1706-1.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2019.

BOSCO, Estevão. **Habermas e a esfera pública: anotações sobre a trajetória de um conceito**. SINAIS - Revista de Ciências sociais, 2017.

BRANDI, Daniel. **Evolução dos Estudos de Agendamento: uma Explicação sobre a Influência da Mídia na Opinião Pública**. In: XIX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 2017, Fortaleza (CE). Anais [...]. Fortaleza: [s. n.], 2017. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0399-2.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2019.

DOS SANTOS, Dina. **Nômades do Saber: um estudo sobre migração estudantil na UNEB e no IFBA**, 2010. Disponível em: http://www.faculdadesenacpe.edu.br/encontro-de-ensino-pesquisa/2011/IV/anais/comunicacao/032_2010_ap_oral.pdf. Acesso em: 16 jun. 2019.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa**. [S. l.]: Editora Unesp, 1990.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia: Entre Facticidade e Validade - Volume 1**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1997.

KOTSHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2000.

LI, Denise Leyi; CHAGAS, Andre Luis Squarize. **Efeitos do Sisu sobre a migração e a evasão estudantil**. Anais.. São Paulo: ABER, 2017

LONGHI, Raquel Ritter. **A grande reportagem multimídia como gênero expressivo no ciberjornalismo**. In: 6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIBERJORNALISMO, 2015, Campo Grande (MS). Anais [...]. [S. l.: s. n.], 2015. Disponível em: <http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor6/files/2015/03/LONGHICIBERJOR.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2019.

LONGHI, Raquel Ritter; FLORES, Ana Marta M. **Narrativas webjornalísticas**

como elemento de inovação: casos de Al Jazeera, Folha de S.Paulo, The Guardian, The New York Times e The Washington Post. Intercom - RBCC , São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/interc/v40n1/1809-5844-interc-40-1-0021.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2019.

LONGHI, Raquel. **Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia.** Estudos em comunicação nº7, [S. l.], Maio 2010. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/07/vol2/longhi.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2019.

LUINDIA, Luiza Azevedo; DE ARAÚJO, Cristiane Naiara. **O desafio da grande reportagem: a teoria, a técnica e a prática como elementos constituintes do trabalho monográfico em Jornalismo,** 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/254256825_O_desafio_da_grande_reportagem_a_teor%C3%ADa_a_t%C3%A9cnica_e_a_pr%C3%A1tica_como_elementos_constitu%C3%ADntes_do_trabalho_monogr%C3%A1fico_em_Jornalismo. Acesso em: 30 jun. 2019.

NETO, Fernandino Rodrigues do N.; DE BRITO, Rosildo Raimundo. **Livro-reportagem: uma análise da prática da grande reportagem nos Projetos Experimentais do curso de Jornalismo da Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP).** In: XII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 2010, Campina Grande (PB). Resumos [...]. [S. l.: s. n.], 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0544-1.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2019.

ROSSI, Clovis. **O que é Jornalismo?.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

RUBLECKI, Anelise. **Teorias do Jornalismo: Questões Exploratórias em Tempos Pós-massivos.** In: XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2010, Caxias do Sul, RS. Resumos [...]. [S. l.: s. n.], 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1220-1.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2019.

SZERMAN, Christiane. **The Effects of a Centralized College Admission Mechanism on Migration and College Enrollment: Evidence from Brazil.** 2015. Dissertação (Pós-Graduação em Economia como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Economia) - Faculdade Getúlio Vargas (FGV), Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13875/Thesis_SISU.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 30 jun. 2019.

Anexos

Páginas do site (exemplos)



ONDE A VONTADE NÃO MORRE

Por Mateus Maia

Um dia, que parecia ser outro qualquer, John Lennon sonhou em sair de Liverpool e mudar de vida sendo músico. Provavelmente ele, junto com seus outros três amigos, não imaginavam o que o futuro guardava, mas tudo começou ali, numa ideia. Um desejo parecido com o de brasileiros que sonham em mudar de vida através do ensino superior. Só em 2018 foram 6,8 milhões de jovens inscritos no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), sendo que pouco mais de 1%, em média, saem de seus estados para fazer isso.

Fato que se dá porque dos quase sete milhões de inscritos, apenas um décimo é efetivamente aprovado, e só 13% dos que fazem a matrícula partem na aventura que é enfrentar uma nova casa, novos amigos e um novo ambiente só para persistir no caminho de alcançar seus objetivos, segundo dados obtidos junto ao Ministério da Educação (MEC).

Como quem quer se transformar em um astro da música, essa minoria de jovens brasileiros têm em comum uma força de vontade inabalável, que faz com que a vontade de realizar seus sonhos, seja sair de casa para estudar, passar nas melhores

Página Inicial

Sonhos

Gua

Atmosfera

Sobre

Cidade

Be Universidade para fora da porta de casa e se aventurar em uma nova vida já é complicado o suficiente para você ter que saber de tudo. A burocracia e os desafios da vida adulta, os quais não estamos nenhum pouco acostumados, podem ser irritantes. Pensando nisso, preparamos guias simples e úteis para quem não quer ser pego desprevenido nessa nova fase.

Cidade

Universidade

Guia definitivo para estudar em uma

Uma nova cidade

Moradia **1**

A primeira coisa a se prestar atenção quando vamos mudar para uma nova cidade é onde ficar. Muitos fatores devem ser levados em consideração aqui, mas principalmente o de custo. Quando maior e mais perto da universidade, mais caro vai ser sua moradia. Por isso é



Página Inicial | Sonhos | Guia | **Atmosfera** | Sobre

Cinema

Música

Literatura

Deixar o lugar nos criamos e nos criamos para ser algo traumático. Ou não. Desde que a primeira pessoa decidiu dar um passo ao desconhecido, alguém esteve lá para contar a história. Agora, por que não aproveitar esse conhecimento e sentir o que vem por aí se você vai seguir por esse caminho. É só começar.

Filmes | Músicas | Livros

em movimento/literatura

10 filmes para esquentar

Trocar de ares, seja para estudar seja para fazer qualquer outra coisa, é sempre um desafio e origem de muito frio na barriga. Confira agora dez produções cinematográficas diferentes, mas que podem te ajudar a passar por essa nova fase.



Avatar

É o maior filme em bilheteria da história. Sua trama gira em torno de um terráqueo paraplégico, que, através da tecnologia, tem a chance de se tornar



Sobre

Este especial multimídia é o Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo da Universidade de Brasília (UnB) de Mateus Souza Maia. Eu. Este moço sorridente aí da foto. Todos os textos jornalísticos foram produzidos por mim, do zero, durante quatro meses de apuração e produção. Esse processo de criação e curadoria foi feito em colaboração e supervisão do professor doutor. e orientador. Sérgio



Para o podcast, participaram Victor Lima Gomes, Rafael Beppu, Ana Paula Castro e Bruna Tavares, com apresentação e edição minhas. O objetivo desta plataforma foi ser um catalizador, uma pequena faísca, para a discussão sobre as migrações motivadas pelos estudos no Brasil, campo ainda pouco explorado por produtos do tipo. Agradeço a minha família por me proporcionar essa experiência. à UnB